

## A ESCRITA BIOGRÁFICA: IMPASSES, TENSÕES E NOVAS PERSPECTIVAS

## WRITING BIOGRAPHICAL: STALEMATES, TENSIONS AND NEW PERSPECTIVES

João Muniz Junior<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é uma adaptação de um dos capítulos da nossa Dissertação de Mestrado, intitulada “Biografia e história: panteonização e iconoclastia em narrativas de Raimundo Magalhães Junior”, defendida no ano de 2015 junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. Visto que a discussão sobre a temática biográfica se amplificou nos últimos anos, seria impraticável em um texto como um artigo explorar detalhadamente os avanços e recuos, os usos e desusos que o biografismo sofreu ao longo do tempo, em especial, nas últimas décadas. Sendo assim, decidimos elencar pontos que envolvem a discussão em torno do gênero biográfico a fim de tecermos algumas análises e considerações. Ainda assim, alertamos que apesar de considerarmos apenas algumas questões para o nosso debate, este será conduzido de maneira sucinta, comedida. O objetivo do artigo é discutir, em um primeiro momento, aspectos que envolvem a narrativa biográfica e a escrita da história, tomando como ponto de partida a discussão da questão do hibridismo que marca o biografismo, misto de história e de literatura, e tocando ainda na questão ética do ofício do biógrafo; em seguida, problematizamos o chamado retorno do gênero e a ideia de que fora abandonado pelos *Annales*; por fim, passamos a uma reflexão sobre as novas perspectivas para confecção de narrativas de vidas, que envolvem, entre outras possibilidades, o uso de uma hermenêutica do tempo, o conceito de biografemas cunhado por Roland Barthes, e ainda, a ideia de pluralização das identidades.

**Palavras-chave:** Biografia. História. Gênero Híbrido. Biografemas. Pluralização de Identidades.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. E-mail: joaomuniz\_jr@hotmail.com. Assis, São Paulo, Brasil.

**ABSTRACT**

This work is an adaptation of one of the chapters of our Master's thesis, entitled "Biography and history: pantheonization and iconoclasm in narratives by Raimundo Magalhaes Junior" defended in 2015, by in the Graduate Program in History at UNESP-Assis. Since the discussion of the biographical theme is amplified in recent years, it would be impractical in a text as an article to explore in detail the advances and retreats, uses and disuses the biographism suffered over time, especially in recent decades. So, we decided to list issues surrounding the discussion on the biographical genre so we may weave some analysis and considerations. The objective of this article is to discuss, at first, aspects involving the biographical narrative and the writing of history, taking as its starting point the discussion of the hybridity issue marking the biographism, a mixture of history and literature, and touching yet the ethical question of the biographer 's craft; then we question the so-called return of the genre and the idea that had been abandoned by the *Annales*; finally, we come to a reflection on new prospects for making life narratives, involving, among other possibilities, the use of a time hermeneutics, the concept of "biografemas" coined by Roland Barthes, and also the idea of identity pluralization.

**Keywords:** Biography. History. Hybrid Genre. "Biografemas". Pluralization of identities.

## Introdução

A biografia possui os ingredientes necessários para atrair a atenção do leitor: a ideia de ser o receptáculo de uma vida sobre a qual nutrimos uma quase necessidade de compreensão, reflexão, o desejo de olhar no espelho das palavras que procuram captar uma trajetória pessoal que, na maioria dos casos, já não faz mais parte do mundo dos vivos e encontrar um pouco de si mesmo; a busca por experiências de vida que inspirariam, libertariam da própria existência, mesmo que por breves momentos.

As fronteiras do gênero biográfico são reconhecidamente fluidas (REVEL, 2010) e em cada época esta modalidade de escrita foi alvo de expectativas que correspondiam ao desejo de se aproximar deste ou daquele modelo. No mundo antigo, na hagiografia, na modernidade, nas ciências sociais ou na historiografia, a biografia foi objeto de disputas epistemológicas, teórico-metodológicas, mas nunca perdeu sua essência: a constituição híbrida, isto é, a tensão entre um regime de verdade e a liberdade criativa (LORIGA, 2011).

Trata-se de um gênero de escrita que sofre de desconfiança, para dizer o mínimo, como pode exemplificar Bakhtin:

O mundo da biografia não é fechado nem concluído, e o princípio de fronteiras firmes não o isola no interior do acontecimento da existência. A biografia, decerto, participa do acontecimento, mas é só pela tangente [...] [uma vez que a sua] participação direta ocorre o mais perto possível do mundo da família, da nação, da cultura. A biografia é um ato orgânico e ingênuo que se realiza na tonalidade estética, no interior de um mundo em princípio aberto, mas que tem seus próprios valores autoritários e organicamente autossuficientes. A vida biográfica e o discurso biográfico sobre a vida estão imersos na fé e no calor que dela emanam; a biografia é profundamente confiante; [...] da mesma forma que a confissão repercute fora das suas próprias fronteiras. [...] Como os valores biográficos estão submetidos ao domínio da alteridade, eles não são garantidos e nada os mantém, pois não podem ser internamente fundamentados por completo. (BAKHTIN, 2000, p. 179-180).

A biografia desde o seu surgimento na Antiguidade, quando ainda era chamada de “vidas” se distinguia da história, pois além de esta última ser a narrativa das coisas públicas também é guiada pelo desejo de verdade, enquanto que no biografismo, gênero descritivo tanto do

público quanto do privado, se desenvolve além de um discurso de verdade, também há abertura para a imaginação. Ou seja, a biografia nasce como gênero híbrido, composto. Isto foi por muito tempo a marca de nascença que simbolizava o estigma da biografia, mas hoje podemos enxergar nesta marca a singularidade mesmo de um sucesso e mais, de veredas ricas em possibilidades de análise e escrita historiográfica.

O gênero biográfico, enquanto forma narrativa, permite que o leitor teça comparações entre sua própria história com a de outra pessoa, independentemente do tempo e do lugar, isto é possível pelo fato de que as vicissitudes humanas são atemporais: “as biografias influenciam o modo como os leitores enxergam a natureza humana em geral, certos indivíduos em particular ou a si mesmos”. (VILAS BOAS, 2002, p. 38).<sup>2</sup>

São muitas as interpretações para aquilo que se considera um “retorno” da biografia: a crise do marxismo, a libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjugado a história factual, ou seja, a evolução da historiografia francesa, o desenvolvimento do diário e da autobiografia, o crescimento de um público leitor erudito, ou não, sedento de narrativas (auto)biográficas, ou ainda, o apelo ao *voyeurismo*.<sup>3</sup> Todavia, a confluência da reflexão historiográfica e do gosto do público pela biografia se operou em virtude de um fator mais determinante: a renovação do individualismo (LEVILLAIN, 2003). Apesar de serem variáveis as tentativas de explicação para o *boom* do gênero biográfico das últimas décadas, uma coisa não se pode negar: a importância do gênero na reflexão historiográfica atual.

Levi (1996) destaca que:

A biografia constitui [...] o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Muito já se debateu sobre esse tema, que concerne, sobretudo, às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes

---

<sup>2</sup> Todavia, a ideia de que a biografia atende um leitor em busca de si mesmo se choca com outra noção, a de que as biografias visam atender os apelos de leitores alienados, fúteis e curiosos sobre a vida dos biografados.

<sup>3</sup> Mais adiante, na página 11, vamos problematizar este “retorno” do gênero biográfico.

intransponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição (LEVI, 1996, p. 168-169).

A biografia é uma possibilidade de reconstituição de um momento social, carrega em seu bojo o sistema político e o seu contexto social atrelado aos aspectos individuais vinculados com a época do biografado. A biografia reúne dois caracteres distintos, mas que mantêm relações entre si: “De um lado, há a trajetória de vida; de outro, a síntese histórica, representada pelo tempo social [mais amplo (inserção do autor), mais global e mais universal (estudos da condição de vida)].” (LENA JUNIOR, 2012, p. 209).

Em relação ao conceito de biografia, cada sociedade no espaço e no tempo lhe conferiu significados. Todo conceito se trata de uma palavra, mas isso não quer dizer que toda palavra é um conceito social ou político. Existe a possibilidade de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio da análise de como os conceitos eram utilizados pelos contemporâneos de então. A história dos conceitos apresenta a estratificação dos significados de um mesmo termo em épocas diferentes, permitindo que se analise o conceito para além da sequência cronológica de significados, confrontando e medindo permanência e alteração de sentidos (KOSELLECK, 2006).

É tentadora a ideia de rastrear sistemática e aprofundadamente o itinerário do conceito “biografia”, conforme postulado por Koselleck (2006), mas este não se trata do objetivo deste trabalho. Apesar disto, uma vez que um dos nossos objetivos é uma reflexão sobre as relações entre narrativa biográfica e escrita da história, vamos procurar retrazar alguns pontos desta cartografia marcada pelos fluxos e refluxos, usos e desusos que a biografia sofreu ao longo do tempo.

É preciso ter em mente o alerta de Bourdieu (1989) para dois dilemas característicos do campo do historiador: primeiro, a tentativa de trazer de volta o passado, em toda a sua complexidade, assim como foi; segundo, a busca da origem da origem, ou seja, a fim de estudar determinado objeto, o historiador não se contentaria em traçar um recorte temporal específico, mas direcionaria o seu olhar cada vez mais distante no tempo a fim de procurar a origem do seu problema, do seu objeto de estudo.

A historiografia, praticada atualmente, leva em conta que se trata de uma representação do passado e não uma narrativa “do que realmente aconteceu” (BANN, 1994). Mas as colocações de Bourdieu (1989) servem como sinal de alerta de que ressuscitar o passado é uma aventura que se encontra além das possibilidades do historiador e este, conhecedor de suas limitações, não deve cair na tentação de esgotar o tema da sua pesquisa, visto que o que chega até nós, conforme Koselleck (2006), são vestígios, ou seja, pedaços, muitas vezes, desconexos do passado.

O historiador procura entender os desaparecimentos e ressurgimentos, os silêncios, as construções e apropriações de seu objeto ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de uma busca constante e, aparentemente, infinita, pois quanto mais respostas são encontradas, mais dúvidas, questões, hipóteses, surgem, alimentam e impulsionam a busca pelo conhecimento, pela compreensão, a necessidade de se encontrar mesmo, com o passado e com o seu presente.

Quanto ao segundo ponto destacado por Bourdieu (1989), isto é, a busca do historiador pela origem da origem do seu objeto, seria um equívoco tentar rastrear o momento em que surge, “realmente”, por exemplo, a biografia. Em nosso caso, nos contentamos com a tese de que se pode apontar os seus primeiros vestígios no Ocidente (MOMIGLIANO, 1993). Uma vez que quanto mais se recua no tempo na procura da gênese da gênese, mais se mostra necessário retroceder, trata-se, portanto, de um caminho sem volta. A saída seria propor um recorte temporal, muitas vezes dolorosamente estabelecido, mas que permite focar o objeto de estudo de forma a alcançar da melhor maneira possível os objetivos propostos. A biografia deixou suas marcas mais verificáveis na Grécia antiga, mas sabemos que ela poderia ter sido praticada, ou melhor, deve ter sido praticada antes, de diversas formas por outras culturas em outras partes do mundo, mas os rastros deixados são confusos e como não se trata de nosso objetivo uma busca sistemática e profunda, damo-nos por satisfeitos.

O texto que se segue à esta introdução está seccionado em três partes cujo fio condutor é a preocupação em refletir sobre alguns dos impasses, das tensões e das novas perspectivas que envolvem o gênero biográfico.

Na primeira seção, o objetivo é discutir aspectos ligados à narrativa biográfica e a escrita da história, tomando como ponto de partida a

discussão da questão do hibridismo que marca o biografismo, misto de história e de literatura, e tocando ainda na questão ética do ofício do biógrafo. Na segunda parte, problematizamos o chamado retorno do gênero e a ideia de que fora abandonado pelos *Annales*. Finalmente, na terceira seção do texto nos propomos a refletir sobre as novas perspectivas para confecção de narrativas de vidas, que envolvem, entre outras possibilidades, o uso de uma hermenêutica do tempo, o conceito de biografemas cunhado por Roland Barthes, e ainda, a ideia de pluralização das identidades.

### 1. Biografia: gênero híbrido

Apesar da distância no tempo, 1791, James Boswell, biógrafo autor de *The life of Samuel Johnson* é considerado o “pai” da biografia moderna por ter revolucionado a forma de se escrever uma narrativa de vida. O biógrafo foi amigo do biografado e a história da trajetória de Johnson é realizada após a sua morte. Ao contrário de seus predecessores hagiográficos, Boswell especulou sobre a psicologia de seu biografado, expôs ideias sobre como narrar uma vida, descreveu as barreiras à pesquisa biográfica e à própria escrita em si ao longo do texto, incluiu cartas, documentos, entrevistas e sua própria experiência como amigo do personagem central.

Portanto, a discussão em torno da necessidade de se renovar a biografia tradicional era já de longa data, quando ganhou intensidade nos anos imediatos ao fim da Primeira Guerra Mundial. O debate em torno da questão da renovação biográfica e sobre seu caráter híbrido reuniu nomes de destaque no campo de sua produção, entre outros, podemos citar: André Maurois na França (1885-1967), Emil Ludwig na Alemanha (1881-1948) e Lytton Strachey na Inglaterra (1880-1932)<sup>4</sup>. Estes biógrafos, cada um à sua maneira, contribuíram para a confecção de biografias nas quais os indivíduos são retratados de maneira, digamos, humanizada, ou seja, não apenas a exaltação de suas qualidades positivas, a glorificação de suas contribuições, o seu legado político, intelectual, literário, científico, seus acertos e conquistas, mas

---

<sup>4</sup> Sobre estes autores e o debate travado em torno não só da biografia enquanto gênero híbrido, mas também sobre uma renovação da biografia tradicional no começo do século XX, ver CAVALHEIRO (1943); DOSSE (2009); GONÇALVES (2009, p. 153-186); GONÇALVES (2011).

também retratar suas humilhações, seus fracassos, suas indecisões, seus medos, anseios, erros, enfim, permitir que o leitor perceba que o personagem retratado é um ser humano, de carne e osso.

Estes autores, que representam a renovação no campo biográfico, se preocupavam com as limitações dos modelos tradicionais de escrita biográfica, aos quais dirigiram as mais duras críticas: “Esses dois grossos volumes, com os quais temos o costume de honrar os mortos, quem não os viu com sua massa de documentos mal digeridos, seu estilo decomposto, seu tom de panegírico entediante, sua lamentável falta de seletividade (...)” (STRACHEY *apud* LORIGA, 2011, p. 24). Strachey não se volta contra a biografia em si, pelo contrário, acreditava que o homem seria importante demais para ser usado como sintoma do passado e queria se valer da biografia como instrumento para desmascarar a história.

Virginia Woolf (*apud* DOSSE, 2009, p. 55) capta de forma clara os escolhos que envolvem a escrita biográfica: o discurso de verdade e a questão da imaginação ficcional. Este debate continua ao longo do século XX e Dosse (2009, p. 55) qualifica como sendo a marca característica da biografia histórica: o seu caráter híbrido, tensionada entre a vontade de reproduzir uma verdade sobre o passado e a capacidade criativa do biógrafo.

Em 1928, em uma conferência pronunciada na Inglaterra, André Maurois situa a biografia entre o procedimento científico e a dimensão estética. Defende um enfoque cronológico como uma necessidade, mas aproxima a biografia do romance. Isto porque apesar da cronologia apontar para um desfecho que se aproxima a cada página virada, a intriga, ingrediente indispensável ao romance, cria no leitor a expectativa acerca do futuro. O objetivo é criar uma narrativa biográfica na qual os medos, sofrimentos e incertezas do personagem ganham vida por meio das palavras. Compara o trabalho do biógrafo com o do pintor de retratos: a necessidade de se ater ao essencial e a abertura para realizar as próprias escolhas, o cuidado com o verídico deveria ser uma das metas do biógrafo, que também poderia se valer de sua sensibilidade na composição de seu retrato em papel e letras.

Qual deveria ser hoje a postura do biógrafo? A questão em torno do caráter híbrido do biografismo deve canalizar para uma tomada de atitude por parte do biógrafo: assumir, perante o leitor, um pacto de

veracidade que lembra a proposta de Philippe Lejeune ao tratar da autobiografia.<sup>5</sup> E quanto à emissão de juízo de valor? Na concepção de Maurois, este não é um papel do biógrafo, caso contrário, ele adentra no território da ética, enquanto que o seu universo é o estético.

Neste caso, quem melhor poderia captar de maneira completa o personagem: o biógrafo ou o romancista? O biógrafo sairia em desvantagem, pois não pode exprimir por meio de sua narrativa a alma do biografado, uma vez que as fontes lhe são ausentes neste quesito, enquanto o romancista pode dar asas à imaginação.

No mundo contemporâneo, a biografia admite a parcela ficcional de sua escrita que, por sinal, não está condicionada apenas ao biografismo, já que o historiador também se vê envolto pela tensão de um compromisso com a verdade e a necessidade de recorrer à sua intuição, a uma narrativa, mas na biografia a tensão atinge o paroxismo, por depender, não em camadas superpostas, mas de forma concomitante da dimensão histórica e da dimensão ficcional.

Na condição de autores, os biógrafos estão livres para escolher quem biografar, mas “as opções de como avançar, a captação, a interpretação e a narração dependem de fatores às vezes alheios a suas vontades” (VILAS BOAS, 2002, p. 47). Sempre haveria a necessidade de negociar. Cada biografia requer um contrato autoral diferente. E são exatamente estes contratos os responsáveis para se abrir ou fechar arquivos, facilitar ou dificultar as interpretações.

Vilas Boas (2002) elenca quatro tipos de contratos: “biografias autorizadas”, escritas e publicadas sob a concordância do biografado ou herdeiros legais; “independentes” ou “não autorizadas”, sem o consentimento formal do biografado ou de seus herdeiros; “encomendadas”, por editoras, por familiares ou pelo próprio personagem central; e, “ditadas”, seria uma autobiografia ou memórias, no papel de ghostwriter.

A biografia “autorizada” facilita o acesso às fontes documentais, mas na opinião do autor, a maioria das melhores e mais bem-sucedidas biografias seriam as “não autorizadas” e que tratam de pessoas falecidas já no começo do empreendimento biográfico. Este sucesso se daria por

---

<sup>5</sup> Ver LEJEUNE (2008).

não haver interferência direta dos herdeiros do personagem. Todavia, pode ocorrer possíveis resistências de familiares, instituições, ou do próprio biografado. A mesma situação pode afetar as “encomendadas”, “autorizadas” e “ditadas”.

No trabalho do biógrafo, as fontes são a base para a narrativa, mas uma questão se impõe: os fatos. O trabalho do biógrafo é selecionar os fatos com os quais retrata em papel e letras a figura do biografado. São quatro as instâncias que podem influenciar na obra: “o próprio biógrafo (autor e interpretante), os guardiões do passado do personagem, a empresa (editora) e a fidedignidade das fontes orais e escritas” (VILAS BOAS, 2002, p. 54).

Um caso bastante conhecido e que serve de exemplo é a disputa em torno da memória da poetisa norte americana Sylvia Plath. Após o seu falecimento, biógrafos, jornalistas, a crítica especializada, e a família da falecida, isto é, seu ex-marido, Ted Hughes e Olwyn Hughes, sua irmã, detentora de seu espólio, entram em disputa por credibilidade em interpretações biográficas a respeito da poetisa. Janet Malcolm tinha originalmente como objetivo fazer mais uma biografia da poetisa, mas acabou por estudar a “situação biográfica de Sylvia Plath, uma espécie de alegoria do problema da biografia em geral” (MALCOLM, 1995, p. 36). Nesta obra, ficam evidentes as dificuldades, a tensão constante da relação do biógrafo com a família do biografado, uma vez que, nem sempre os familiares estão abertos à possibilidade de uma biografia, e em muitos casos, de forma paradoxal, apesar de concordarem, não cedem o acesso às fontes ou então, não concordam com a interpretação do biógrafo.

Malcolm (1995) procura descrever e analisar as tensões e contradições em relação ao texto biográfico:

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter joias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no

trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade, mais o leitor acreditará estar vivenciando uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores e lendo a correspondência alheia. Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade do gênero. A incrível tolerância do leitor (que ele não estenderia a um romance mal escrito como a maior parte das biografias) só faz sentido se for entendida como uma espécie de cumplicidade entre ele e o biógrafo numa atividade excitante e proibida: atravessar o corredor na ponta dos pés, parar diante da porta do quarto e espiar pelo buraco da fechadura. (MALCOLM, 1995, p. 16-17).

Ao mesmo tempo em que discorre sobre a ética duvidosa que permeia a escrita biográfica, a autora também se insinua na vida privada de Anne Stevenson – uma das biógrafas de Plath, extremamente criticada por haver a suspeita de que estaria em conluio com a família Hughes – a sutileza da invasão sugere talvez que Malcolm queira passar a mensagem de que constitui parte do trabalho do biógrafo fazer esta intrusão, não haveria como fugir e qualquer tentativa de atenuar o olhar sobre a vida privada resultaria em fracasso diante do público leitor, como foi o caso da biografia de Anne Stevenson sobre Plath. O fio condutor do texto é justamente a biografia como “um gênero falho”, no qual a postura de neutralidade por parte do biógrafo é uma farsa.

Vilas Boas (2008) reflete sobre alguns aspectos fundamentais do gênero biográfico, como a questão da necessidade de transparência da parte do biógrafo, a questão da verdade do biografado e a verdade do biógrafo. A maioria das biografias é narrada de maneira onisciente: “É como se o autor, sendo onisciente, tivesse firmado uma carta de convicções autocentrada a respeito de suas escolhas, suas interpretações e a estruturação da história” (VILAS BOAS, 2008, p. 186).

Na biografia, o narrador onisciente é também o reflexo de uma pretensão, cujo foco é uma visão cientificamente objetiva. Elimina-se o “eu” a fim de passar a impressão de se estar alcançando o “objetivo da objetividade” por meio de uma maneira impessoal de se escrever. A onisciência é uma barreira para a transparência. Sendo assim, o narrador se torna “imperial, autoritário, impessoal, esquivo, onipresente e escondido” (VILAS BOAS, 2008, p. 188).

É preciso expor-se no contexto do que se narra, a fim de mostrar transparência e tranquilidade narrativa. A necessidade de ser transparente é justificada pelo fato de que:

Nós, leitores, não temos acesso à visão de mundo que orientou as movimentações do biógrafo no tabuleiro de xadrez que é o biografismo; não ficamos sabendo quais informações/interpretações decidiu descartar; não nos é garantido o direito de conhecer as dúvidas e impasses que inevitavelmente lhes ocorreram. Em geral nem sabemos por que escolheram tal pessoa e não outra. (VILAS BOAS, 2008, p. 181).

O biógrafo deve se expor e mostrar como se deu o processo de interpretação das fontes, para que a transparência seja alcançada. Afinal de contas, tanto a gênese quanto a interpretação dos documentos ocorrem dentro e em um jogo de contextos. Portanto, a massa de documentos, fragmentária e lacunar, precisaria de uma explicação por parte do biógrafo, a fim de que este alcance a transparência. Podemos estabelecer uma ligação entre esta ideia de transparência defendida por Vilas Boas (2008) e aquilo que Lejeune (2008) identifica como o “pacto autobiográfico”, uma vez que tanto no caso da biografia como no da autobiografia haveria, segundo esses dois autores, a necessidade de transparência, um engajamento em um espírito de verdade.

Para que o biógrafo possa dar transparência à narrativa seria preciso que este se posicione

Comedidamente em primeira pessoa, sem emitir julgamentos morais, mas afirmando um ‘eu-convicente’; oferecendo pitadas de *making of* para compartilhar processos intelectuais e intuitivos seus e dos outros; minimizando seu afã cartesiano; e tornando-se mais consciente sobre o seu relacionamento com o biografado. (VILAS BOAS, 2008, p. 209).

Sendo assim, a razão para que o biógrafo assuma uma postura de transparência em relação ao leitor seria “Porque compõem, com seus personagens, um subjetivo jogo de espelhos que ultrapassa os fatos e as interpretações que venham a dar-lhes” (VILAS BOAS, 2008, p. 180) e no caso de isto não ser levado em conta como um argumento sério, uma resposta/pergunta pode ser feita: por que não ser transparente?

Sobre a questão da verdade é preciso salientar que as biografias revelam tanto quanto ocultam. Sob a fachada da historiografia, da psicologia, da

narrativa instigante, envolvente e criativa, a biografia transmite uma aura de consistência verídica. Por que então a biografia procura passar a impressão de conter a verdade? A resposta seria a necessidade de validação, de credibilidade perante o leitor, isto é, por convenção ou presunção, aparentemente, a biografia só alcança legitimidade se expressar ou passar a impressão de verdade.

Para o mundo ocidental, verdade é poder provar algo de forma científica. Mas quase nenhuma das muitas questões que perturbam o ser humano é passível de ser provada por métodos científicos. Ou seja, aceitar ou não uma proposta de emprego, pintar a casa desta ou daquela cor, fazer uma viagem de férias para um determinado lugar e não para outro, são questões que raramente podem ser provadas, de maneira científica...

O ponto central é este: “a verdade científica, que pauta os biógrafos, não é o mesmo que a verdade íntima, que pauta os biografados. A ciência adquiriu a função de proporcionar ao cidadão uma explicação coerente do mundo. Mas nem só de objetividade é feita a ciência, e muito menos o biografismo” (VILAS BOAS, 2008, p. 160-161). Ou seja, da mesma forma que um território é uma coisa e o mapa é a representação desta coisa, assim também ocorre com a vida *vivida* por alguém e a biografia enquanto narrativa possível da vivência de um sujeito.

Qual o tipo de verdade dos biógrafos? “Eles tecem percepções (racionais e sensoriais) sobre alguém. Os biografados estão ou estiveram ali, antes de qualquer reconstrução que se possa fazer deles” (VILAS BOAS, 2008, p. 169). Sendo assim, qual deveria ser a verdade para os biógrafos?

Um biógrafo não precisa buscar a verdade absoluta do Grande Eu, muito menos defender essa busca diante de entrevistados que, em sua maioria, desconhecem a arte de biografar. O que necessitam, ao que parece, é procurar alguns eus (*selves*) ou facetas à luz e à sombra desse Outro que também é (sou) Eu. (VILAS BOAS, 2008, p. 170).

## 2. O “retorno” da biografia

Desde os primeiros contatos com a bibliografia sobre a temática das narrativas de vidas dois aspectos nos chamaram a atenção: primeiro, o

uso recorrente do termo “retorno” da biografia; e, segundo, a identificação da escola dos *Annales* como o ponto de distanciamento em relação ao gênero biográfico.

O primeiro aspecto se refere a uma percepção gradual da ocorrência rotineira de um termo cunhado nos últimos anos por especialistas nesta área e que se encontra presente em muitos estudos que tratam do assunto. A expressão a que nos reportamos, com algumas variações que não alteram o seu sentido, virou quase um bordão: “as décadas de 1970 e 1980 conheceram o retorno da biografia”. Todavia, entendemos a necessidade de problematizar esta expressão.

É inegável que a historiografia nas últimas décadas intensificou sua preocupação com a narrativa, com o acontecimento, e houve ainda, uma renovação da história política, vista antes como história historicizante (AVELAR, 2010). Nesse sentido, o que se costuma identificar como “retorno” é antes de tudo um novo olhar que o campo dos historiadores direcionou à escrita biográfica. Ainda que ao longo do século XX uma parcela significativa da comunidade acadêmica, com ênfase para os historiadores, tenha relegado a biografia a um segundo plano, isso não significa que o gênero não tenha sido praticado, pelo contrário, a escrita de biografias até mesmo se intensificou, mesmo não contando com a valorização de grande parte dos historiadores profissionais.<sup>6</sup>

Como objeto da história, a biografia “ressurge”, mas ainda é detectada uma insuficiência de estudos que se debrucem sobre a problemática da escrita da história na biografia, conforme afirma Silva:

---

<sup>6</sup> Dosse (2009, p. 19-53), no prólogo intitulado “A febre biográfica: um panorama editorial”, empreende uma análise do mercado editorial francês e de suas peculiaridades em relação ao estudo e a produção de biografias. Basicamente, podemos subdividir esta análise em três pontos principais. O primeiro a ser destacado é que o mercado da biografia sempre foi promissor e alimentado por um público fiel e variado. Dosse indica de que maneira estão distribuídas as coleções, editores, biógrafos e a forma com que tratam os estudos biográficos e produzem suas biografias. O segundo aspecto é que o estudo deste panorama editorial permite avaliar a maneira como o mercado dos livros lida com o tema por meio de um levantamento do número das tiragens, das edições e das vendas por título, o público alvo e os aspectos teóricos e metodológicos dos textos, as estratégias de *marketing*. Por último, a análise indica a variedade de formas de se escrever uma biografia e como o mercado editorial define suas escolhas de acordo com os públicos visados. Revel (2010) aponta que seiscentas e onze biografias foram publicadas no ano de 1996 na França, e mil e quarenta e três em 1999, sendo que estes números não levam em conta memórias, nem autobiografias.

Ao mesmo tempo em que as biografias se tornam um fenômeno editorial e um campo revalorizado pela historiografia contemporânea tal fato tem sido pouco estudado no meio acadêmico, ou seja, a crescente demanda sociocultural pelas publicações de natureza biográfica, no qual intelectuais, políticos, aventureiros, cientistas, poetas, escritores e artistas passam a ser alvo da curiosidade pública sobre esses indivíduos ou sua época na esperança de encontrar no outro um reflexo de si mesmo, assim como a forma como o biografismo é exaltado, vilipendiado e exercido no meio acadêmico, não têm sido encaradas como objetos. (SILVA, 2011, p. 2).

O segundo aspecto merecedor de cuidado é a apressada identificação, praticamente vista como exclusiva, da ruptura produzida pelos *Annales* em relação à biografia. A história acadêmica, ao longo do século XIX, ou seja, muito antes do surgimento da revista de Marc Bloch e Lucien Febvre e ainda no início do século XX, já havia desamparado o gênero biográfico.

Desde a Antiguidade, com os primeiros vestígios deixados pela escrita biográfica (MOMIGLIANO, 1993), até os dias atuais o biografismo sofreu oscilações e mudanças tanto em relação à quantidade como em relação à forma como é concebido. Mas uma coisa é certa: de uma forma ou de outra, as sociedades no tempo e espaço mais diversos cultivaram uma escrita de si, de *vidas*, seja em orações fúnebres, em elogios, por meio da hagiografia ou da biografia propriamente dita.<sup>7</sup>

Desde o surgimento, praticamente simultâneo, da biografia e da história no mundo antigo que ambas cavaram um fosso entre si. Não basta apontar que a biografia ficou relegada a um segundo plano durante a hegemonia dos *Annales*. É preciso problematizar essa marginalização da biografia, enquanto expressão e objeto de conhecimento historiográfico. O desprezo pela biografia se deu em função de haver o domínio do pensamento de que apenas as dimensões estruturais de longa duração seriam capazes de apreender os grandes movimentos das sociedades em suas regularidades e permanências, fugindo à superficialidade dos fatos.

---

<sup>7</sup> SILVA (2012, p. 40-41) conceitua *biografismo* como “as manifestações narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, das narrativas pessoais (autobiografias, memórias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas”.

O século XIX, considerado o século da história, não concedeu muito espaço para a biografia erudita, sendo esta relegada aos amadores. O início do século XX, é marcado por uma permanência desta situação, se é que ela não se torna ainda mais grave. Neste começo de século a história passa por momentos conturbados, contestada enquanto ciência pelas nascentes ciências sociais, que se empenham em provar seu valor científico. Os ataques dos sociólogos aos historiadores terão como resultado um desinteresse ainda maior da parte destes em relação ao gênero biográfico (DOSSE, 2009, p. 196).

Em 1903, François Simiand, de maneira provocante, convoca os historiadores contemporâneos a quebrarem seus três ídolos: a cronologia, a política e a biografia. A intensão de Simiand é notadamente polêmica, uma vez que os historiadores profissionais não se dedicavam à biografia. Nas palavras do sociólogo:

O ídolo individual ou o hábito inveterado de conceber a história como história de indivíduos, não como estudo de fatos, hábito que induz quase sempre a ordenar as pesquisas e os trabalhos em torno de um homem, não de uma instituição, de um fenômeno social ou de uma relação a estabelecer (...) Mesmo no caso de um Colbert, não se sabe bem se o quadro biográfico e individual é o melhor e o mais singular. Mas por que não proibir, em princípio, estes estudos de instituições limitados à um homem secundário e não exigir o estudo das próprias instituições? Enfim, por que não limitar por completo, ao menos da história científica, esse esforço consagrado a biografias puras e simples do primo distante de um grande homem e não relegar ao anedotário ou ao romance histórico os casos do “Colar da Rainha” e todas as “Famílias de Napoleão” – quando somos totalmente ignorantes da vida econômica da França sob a Revolução e o Império? O pessoal não é tão numeroso, o tempo não é suficiente para fazer uma coisa e outra. Uma delas tem de ser sacrificada. (SIMIAND *apud* DOSSE, 2009, p. 196).

A Sociologia propõe estudar os fenômenos a partir de uma teoria baseada em uma lógica puramente social. Para Durkheim, a tendência natural da Sociologia seria tomar sob seu domínio todas as outras ciências sociais e se tornar a “ciência social”, no singular. E qual seria o espaço do indivíduo? Durkheim responde em um texto publicado em 1898 na *Revue de Metaphysique et de Morale*, cujo título é: “Representações Individuais e Representações Coletivas”. Neste artigo, Durkheim reforça a preeminência do social sobre o individual: o social, e tudo que dele emana, não se apresenta como simples somatória dos

indivíduos; uma vez que as representações coletivas independem dos indivíduos e é exterior às consciências individuais, porque se originam das relações sociais e do universo de sociabilidade dos grupos que as sustentam (PONTES, 1993). A sociologia de Durkheim busca esclarecer quais as leis imutáveis e as causalidades na busca por uma legitimação dessa nova disciplina concebida como independente. O indivíduo deixa de ser alvo do interesse das ciências sociais, na verdade, o que se propõe é a todo custo evitá-lo (DOSSE, 2009, p. 198).

Marcel Mauss, a partir dos anos 1930, aos poucos vai se afastando das reflexões mecânicas de Durkheim e busca se livrar das dicotomias insustentáveis que herdara do tio: entre sagrado e profano, indivíduo e sociedade, normal e patológico. Por outro lado, ao contrário de querer sepultar a herança de Durkheim, Mauss se empenha em um progresso decisivo na formulação de questões sociológicas e antropológicas cruciais, como por exemplo, consideração de uma certeza sobre a natureza simbólica da realidade social (CAILLÉ, 1998). Assim, apesar da intenção de afastar-se, Mauss volta a compartilhar a visão de Durkheim sobre uma individuação que resulta da natureza cada vez mais complexa da sociedade. Isto se dá por nutrir o receio de que o indivíduo se subtraia ao social dissolvido. Mauss elabora então a noção sociológica de “pessoa” e “eu”, deixando de lado as matrizes linguísticas e psicológicas. Sua análise destas noções parte da Antiguidade, passa pelo cristianismo e o estudo de diversas civilizações. Um dos resultados a que chega é a recente noção de “pessoa”, sua localização ocidental e a falta de garantia quanto à permanência dessa noção no futuro (DOSSE, 2009, p. 198).

Em 1929 Lucien Febvre e Marc Bloch lançam a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, onde assimilam a proposta durkheimiana de forma adaptada ao campo historiográfico. A crítica de Simiand surte efeito e logo os três ídolos denunciados serão derrubados e a biografia é sacrificada no altar de uma história sedenta em provar sua cientificidade. A porção destinada à biografia na revista oscilará entre 0% e 0,7% do conteúdo dos artigos entre os anos 1929 e 1976 (DOSSE, 2009).

Vale notar que a própria obra de Marc Bloch e Lucien Febvre não se contrapõe de forma radical em relação às tentativas biográficas. Mas existe um fato: a opção pelos fenômenos de massa restringe o estudo

dos indivíduos na história. As últimas palavras de Marc Bloch<sup>8</sup> em 1940 parecem de certa forma uma autocrítica ao identificar no discurso dos *Annales* a predileção pelo estudo da dinâmica das massas em detrimento da atuação dos indivíduos: “Foi uma má interpretação da história” (BLOCH *apud* DOSSE, 2009, p. 199).

Malatian (2008) explica que os *Annales* teriam rompido com a biografia tradicional, com seus heróis e super-homens, focando a análise na forma de pensar, na mentalidade de uma determinada época. Exemplo disto é o estudo de Bloch sobre Filipe II e o franco condado. Todavia, ainda que nesta análise Bloch tenha contemplado os indivíduos, estes se encontram inseridos no quadro das estruturas agrárias da sociedade feudal. Bloch chegou a refletir sobre o papel do testemunho e foi um dos pioneiros na defesa da ideia de abandonar as figuras excepcionais e dar espaço aos que ficaram em segundo plano na análise histórica por serem mais reveladores de uma época.

Sendo assim, a primeira geração dos *Annales* romperia com a biografia tradicional e efetuaría um reajuste da abordagem ao novo paradigma teórico-metodológico que se inaugurava com a longa duração: o econômico e o social. Entretanto, ainda que tenha deixado frestas para as análises do individual, os *Annales* sempre se valeram desta abordagem com o objetivo de atingirem o geral: as mentalidades, os atores coletivos (MALATIAN, 2008).

A geração de Braudel, que lidera os *Annales* após a Segunda Guerra Mundial, intensifica a desconfiança em relação à biografia, sendo que esta desconfiança foi o contraponto da abordagem que se preocupava com as estruturas e com a longa duração. Apesar de dar espaço para Filipe II – aqui vale o truísmo – Braudel não foca no indivíduo, o Mediterrâneo é o personagem principal de sua escrita da temporalidade longa. A historiografia que bebia na fonte marxista e, ainda, estruturalista, aliados à história serial de Chaunu contribuíram de maneira decisiva para um eclipse da biografia entre historiadores profissionais nos anos 1960 e 1970 (MALATIAN, 2008, p. 20).

O marxismo, ao enfatizar a abordagem holística e a luta de classes, também não permite que se debruce sobre o indivíduo. A biografia é encarada como um legado pernicioso da burguesia, cujo veneno seria

---

<sup>8</sup> Ver BLOCH (2011).

ocultar os verdadeiros jogos de poder e mascarar as desigualdades (DOSSE, 2009). A concepção de Marx de que o indivíduo e a sociedade são “duas faces de uma mesma realidade” foi totalmente ignorada na prática marxista, em que dominava uma noção stalinista e bolchevique da relação entre indivíduo e sociedade. Stalin rechaçou a personalidade como uma categoria anarquista em nome da massa, assumindo esta como uma categoria marxista pura. Isto impossibilita conceber o indivíduo enquanto personalidade livre (GOLUBOVI, 1998).

Ainda na corrente estruturalista, mas em defesa de uma triunfante antropologia, Claude Lévi-Strauss<sup>9</sup>, inspirado pelas críticas de Simiand, desfere duros golpes em direção ao campo historiográfico ao apontar que, enquanto a sociologia evoluía no sentido de se tornar um projeto antropológico sadio, científico e à altura de ocupar a posição de *a* “ciência social”, nos moldes preconizados por Durkheim, a história, em sua essência, não sofrera alterações (DOSSE, 2009).

Lévi-Strauss lamenta profundamente que a disciplina histórica se apegue com tanta firmeza a uma abordagem que privilegie o individual. Segundo ele, os historiadores “sempre estudam indivíduos, sejam eles pessoas ou eventos, ou grupos de fenômenos individualizados por sua posição no espaço e no tempo” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 18). Ao contrário da história, que se contenta em estudar os fenômenos conscientes, e por isso mesmo, insignificantes, a antropologia aborda os fenômenos inconscientes de uma sociedade. Por esta postura em se fiar no consciente, no domínio individual, a história, na visão de Lévi-Strauss, estaria fadada a ocupar o nível mais pobre das ciências do homem (DOSSE, 2009).

A reação por parte dos *Annales* não tarda: Fernand Braudel reage em um artigo programático em 1958, mesmo ano da publicação da *Anthropologie structurale*. Braudel faz questão de ressaltar a Lévi-Strauss que a historiografia, por meio da atuação de Bloch e Febvre já vinha sendo reformulada com as noções de tempo longo, de estrutura, em detrimento do tempo curto. Braudel poderia ser acusado de contradição em sua tese surgida em 1949<sup>10</sup> ao dar espaço ao individual, personificado em Filipe II ou em Solimão, o Magnífico, mas se defende dizendo que estes indivíduos não passam de “agitação de ondas”,

---

<sup>9</sup> Ver LÉVI-STRAUSS (1996).

<sup>10</sup> Ver BRAUDEL (1983).

“turbilhões de areia”, “fogos de artifício de vaga-lumes”, mera “decoração”. Por exemplo, a morte de Filipe II não merece mais do que um epílogo necessário. O monarca descrito é alguém facilmente substituível e a verdadeira base na qual se assenta a história é o Mediterrâneo. As últimas palavras de Braudel são estas:

Uma verdadeira geografia não era parte da educação dos príncipes. Razão suficiente para que essa longa agonia, finda em setembro de 1598, não seja um grande acontecimento da história mediterrânica. Para que se assinalem de novo as distâncias entre história biográfica e a história das estruturas – e, mais ainda, as distâncias espaciais. (BRAUDEL *apud* CRACCO, 2009, p. 92-93).

Os seguidores do pensamento de Braudel levam adiante o eclipse da biografia e do indivíduo e dão fôlego às abordagens estruturais até a chamada “virada crítica” dos anos finais da década de 1980. Mas um pouco antes, em 1971, os *Annales* unem dois termos, até então considerados antagônicos, em um número especial da revista intitulado “História e Estrutura”. A fase de lutas cessara, antropólogos, entre eles o próprio Lévi-Strauss, historiadores e semiólogos colaboram entre si e suas contribuições serão frutíferas ao longo de toda a década de 1970.

Dosse (2009) classifica este período no qual os historiadores vão se fartar na fonte do estruturalismo como um momento em que a história se torna fria, distante do calor humano, das práticas individuais. Segundo este estruturalismo, a história deveria,

Antes de mais nada [...] identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso (CHARTIER, 1994, p. 102).

Todavia, a partir da chamada guinada subjetiva, os historiadores “quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (CHARTIER, 1994, p. 102). Ao contrário da primeira geração dos *Annales*, que aceitava apenas uma história humana e antropológica, mas nem por isso com espaço para o agente, a segunda geração vai amputar o indivíduo da história, a ponto de a quarta seção de *Territoire de l'historien I*, de Le Roy Ladurie, levar como título “A História sem Homens” (DOSSE, 2009, p. 207). Esta ruptura com o humano na história provoca, obviamente, um ocaso ainda mais acentuado do gênero

biográfico entre historiadores profissionais.

A história das mentalidades é a grande contribuição e se torna o triunfo da terceira geração dos *Annales* durante os anos 1970. Mas isto não aproxima os historiadores das práticas individuais uma vez que o esforço historiográfico é direcionado aos fenômenos estruturais. Foi excluída dessa análise toda e qualquer chance de se pensar o indivíduo como agente histórico. Com isso, houve uma generalização quase abusiva por se conceber que determinadas sociedades compartilhavam uma mentalidade comum.

Pierre Bourdieu em 1986 publicou na França um texto em que contesta toda a ideia de historicidade do sujeito: “A ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996). O autor defende que a elaboração de uma narrativa de vida é uma “ilusão biográfica”, pois, para ele, é questionável o tipo de biografia marcada por uma ordem cronológica e linear, que estabelece um sentido teleológico para o indivíduo. Neste ponto em particular, o de colocar em cheque uma escrita biográfica guiada por um *telos*, estamos com Bourdieu, mas não quando nega qualquer pertinência ao sujeito. Concordamos com Bourdieu, quando este afirma que nos casos em que a biografia é regida por uma concepção teleológica não são levadas em conta as peculiaridades do contexto e as especificidades da trajetória do indivíduo, que faz escolhas, que age e reage, que é composto por personalidades múltiplas, plurais e, em determinados momentos, também contraditórias.

O autor aponta que para escapar da tradição biográfica seria necessário reconstituir não somente o contexto, mas também a conjuntura social na qual estava inserido o indivíduo, respeitando os vários campos e momentos da vida, ficar atento aos documentos e às redes de sociabilidade em que o biografado esteve inserido. Bourdieu se vale de uma metáfora a fim de demonstrar sua perspectiva quanto à “ilusão biográfica”:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no campo social, isto é, mais

precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 1996, p. 189-90, grifo do autor).

Levi (1996) e Dosse (2009) criticam a perspectiva apontada por Bourdieu (1996). Ou seja, a perspectiva de que não é possível vencer a “ilusão biográfica” no processo de elaboração da escrita de uma trajetória pessoal, cronológica, linear e teleológica e que a saída seria o estudo das trajetórias dos indivíduos ligando seus percursos, singulares e marcados por pluralidade de ações, em meio aos campos que estariam inseridos.

Levi (1996) questiona a radicalidade do pensamento do sociólogo francês e defende que a biografia seria um espaço singular de observação e análise das tomadas de decisões, espaço este no qual transparecem os conflitos entre a racionalidade dos sistemas sociais e a possibilidade de liberdade de ação dos indivíduos. A biografia se apresenta, então, como uma possibilidade de revelar as condições humanas em suas múltiplas diversidades, não engessando os movimentos do sujeito histórico e nem destacando suas ações enquanto as de outros indivíduos permaneçam na obscuridade, ou seja, o estudo das trajetórias individuais permitiria estabelecer certo equilíbrio ao analisar tanto o contexto em que vivia o biografado quanto as marcas produzidas por este na sociedade em que viveu, analisar as trocas entre a personagem biografada e o meio social.

A crítica de Dosse (2009) à postura de Bourdieu seria que tanto a narrativa biográfica quanto o fazer histórico são ações desenvolvidas não apenas pelo próprio escritor, e dependem, até certo ponto, dos “elementos ficcionais”. O que une essas ações é o cuidado que devem ter em relação à realidade sem, contudo, ter a pretensão de compreender a totalidade dessa realidade. Por outro lado, para Dosse (2009) há um fator positivo na posição radical de Bourdieu ao defender a ideia de uma “ilusão biográfica”, seria que essa postura de Bourdieu teria suscitado o questionamento, entre os que se dedicam a estudar os relatos de vida, acerca da linearidade presente nas biografias e alertar para a falsa pretensão de historicização que busca dar sentido teleológico à trajetória do biografado. No entanto, Dosse também critica a postura de Bourdieu expressa na metáfora do metrô, cujo trecho foi citado anteriormente, afirmando que tal ilustração é “bem característica de sua postura, que consiste em valorizar os esquemas estruturais como fatores explicativos

por entre os quais os ‘agentes’ vagueiam às cegas” (DOSSE, 2009, p. 209).

Pouco antes de falecer, Bourdieu publica um texto em que relata sua trajetória, mas se recusa a lhe conferir um *status* de autobiografia<sup>11</sup>. Neste texto, o sociólogo, sem meias palavras, afirma que a biografia não apresenta pertinência alguma, uma vez que esta não seria um gênero a ser estudado pelos historiadores, pois não haveria a preocupação do biógrafo com a verdade dos fatos.

Arfuch (2010) também tece alguns comentários acerca do posicionamento de Bourdieu em a “ilusão biográfica”. A autora se propõe a refletir sobre três problemas centrais: a questão da subjetividade, o modo de narrar e a razão dialógica. Demonstra como se deu a reconfiguração da subjetividade contemporânea, e como ela está associada à transformação da esfera pública e privada. Segundo a autora, os fundamentos da perspectiva clássica que colocava em lados opostos: público e privado, dissolveram-se ao longo dos dois últimos séculos, e seguindo as profundas transformações de toda ordem acontecidas neste período, os dois campos se mantêm em um diálogo intenso e incessante. É no espaço entre o público e o privado que se insere, geralmente, o gênero biográfico.

A autora trabalha ainda com a questão da narrativa, que estaria ancorada sobre uma base temporal e que é também espacial. Da inseparabilidade entre “história” e “ficção”, a narrativa biográfica se constitui como um “terceiro tempo” configurado pelo relato no qual a trama narrativa se faz como “identidade narrativa”, sendo que é também por isso que toda biografia é sempre aberta, inconclusa.

Essa discussão que aborda o problema da narrativa no interior da biografia e suas relações com a história permite identificar, estudar, analisar os limites, tensões e trocas dessa relação. Não seria possível estabelecer um “resgate” da vida do biografado, porque toda construção biográfica é uma ação que tenta retratar um indivíduo fragmentado e articulá-lo a uma identidade construída, inventada. Seria pueril a tentativa de produção de um sentido engessado para o biografado.

---

<sup>11</sup> O texto foi primeiramente publicado na Alemanha em 2002 e na França apenas postumamente em 2004. Ver BOURDIEU (2005).

Há, na verdade, uma aproximação, em termos, entre o pensamento de Arfuch (2010) e o de Bourdieu (1996), como fica expresso no seguinte trecho:

Essa percepção da vida e da identidade, de nós mesmos e dos outros, como uma unidade apreensível e transmissível, um fio que vai se desenvolvendo numa direção, a ilusão biográfica. Mas, embora essa ilusão necessária para a (própria) vida e para a afirmação do eu, deve se tornar consciente enquanto tal para o pesquisador. (ARFUCH, 2010, p. 254).

Mas, ao contrário de Bourdieu (1996), que não aceitava a biografia como possibilidade de constituição de representação da vida, Arfuch (2010), assim como Dosse (2009), apesar de entender ser impossível transmitir a vida em sua totalidade, lembra que a ilusão biográfica serve para manter os pesquisadores em alerta quanto às tentativas de apreender o sentido total da vida do sujeito biografado, evitando as construções que ambicionam dar um *telos* à personalidade retratada na biografia.

### 3. A abordagem biográfica: caminhos novos ou renovados

O caminho aberto ao biógrafo, por meio de uma hermenêutica da biografia, é de narrar a riqueza da vida na dimensão “endógena” e “exógena”, numa narrativa sempre inacabada, sempre indefinida, algo parecido com aquilo que Vilas Boas (2002) vai chamar de *metabiografia*: a não tentativa de explicar totalmente o personagem, de esgotar um indivíduo por meio de uma narrativa que nunca vai conseguir exprimir a essência mais profunda vida, mas que não cessa de tentar narrar a sua riqueza.

A antiga diálise grega que opunha biografia e história – a primeira, de cunho descritivo; a segunda, com *status* de narrativa – foi, de certa forma, resolvida em nossa contemporaneidade: “cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais” (FERRAROTTI *apud* GOLDENBERG, 1997, p. 36).

A biografia reformulada nas últimas décadas fez cair o véu da falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não se constitui de maneira solitária: sua existência é possível apenas “numa rede de relações sociais diversificadas” (PRIORE, 2009).

Ao mesmo tempo em que a vida de um indivíduo é o ponto de confluência de eventos e forças sociais, assim também, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence. Estabelece-se então, não o jogo de cabo de guerra que tem em uma extremidade o indivíduo e na outra a sociedade, mas uma lógica de barganhas, de trocas entre o geral e o individual.

Ferraroti observa que:

Longe de refletir o social, o indivíduo se apropria dele, o mediatiza, filtra e retraduz projetando-o em uma outra dimensão (...) a de uma subjetividade, alcançando assim a definição do indivíduo como síntese individualizada e ativa de uma sociedade. Dessa forma, a biografia deixa de ser um anedotário para focar na ação social do indivíduo (FERRAROTI *apud* MALATIAN, 2008, p. 26-27).

Lemos (1997) assevera que a valorização da individualidade não significa necessariamente um olhar que procura explicar o geral a partir do singular. Segundo ele, o estudo de trajetórias individuais pode oferecer um campo de análise de determinadas questões históricas sempre relacionadas com o social.

Como resolver então a difícil questão das relações entre indivíduo e sociedade? Em primeiro lugar, pensar as condicionantes sociais que enlaçam o indivíduo e também as características que o singularizam; depois, deve-se pensar em evitar o particularismo e igualmente evitar analisar o próprio sujeito a partir de suas particularidades; e por fim, “não há indivíduo fora de seu tempo, assim como não há sujeito totalmente enjaulado por seu contexto (SCHWARCZ, 2013, p. 71).

Vale destacar que Schmidt (2004) acredita que o biógrafo, principalmente sendo um historiador, não deve procurar resolver o problema da falsa oposição entre indivíduo e sociedade optando por um dos “polos”, o do indivíduo ou o da sociedade, mas sim adotando estratégias narrativas que retratem a constante *tensão* entre o personagem e os dilemas e as possibilidades da época em que viveu.

Afinal, como afirma Levi:

Nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. (LEVI, 1996, p. 179-180).

Sendo assim, propomos uma outra questão: como expressar esta *tensão* entre indivíduo e sociedade na narrativa biográfica? A solução mais fácil seria pôr em prática aquilo que Charles Firth (*apud* LORIGA, 1998, p. 247-248) chamou de “paradoxo do sanduíche”, ou seja, uma fatia de contexto, um pouco de biografia, uma fatia de contexto, e assim por diante.

A saída é fácil, mas enganadora, isto porque deixa em aberto o grande desafio que se coloca diante dos biógrafos da atualidade: “compreender as margens de liberdade individual diante dos sistemas normativos” (SCHMIDT, 2004, p. 139). Nestes casos, o tempo histórico figura apenas como fundo de cena fixo, sem as marcas produzidas pelos agentes históricos (LORIGA, 1998, p. 248).

A fim de tentar superar este dualismo das tensões entre indivíduo e contexto, Schmidt (2004) propõe pensar o meio social e histórico segundo a proposição de Ginzburg (1989, p. 183): como um “campo de possibilidades historicamente delimitadas” (GINZBURG, 1989, p. 183) e:

Lembrar que os indivíduos biografados – como qualquer indivíduo –, a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros. Se hoje esse futuro já é passado, e o resultado das escolhas feitas conhecido, o biógrafo tem a tarefa de recuperar o “drama da liberdade” dos personagens – as incertezas, as oscilações, as incoerências e, por que não? O papel do acaso –, mostrando que suas trajetórias não estavam predeterminadas desde o início (SCHMIDT, 2004, p. 139).

O alerta de Schmidt (2004) para aqueles que tomam a cargo a empreitada biográfica é para que se evite a todo custo abordar a trajetória do biografado de forma artificial, teleológica, linear e excluir

da narrativa biográfica a postura apriorística de expressões como “desde pequeno”, desde “sempre”, que apenas reforçam a “ilusão biográfica” denunciada por Bourdieu (1996). Segundo (SCHWARCZ, 2013) seria necessário pensar o sujeito não como mero reflexo da sociedade, mas como produtor de costumes, conhecimentos e poderes

A biografia histórica, política, permite ao biógrafo apreender as lógicas do processo social, colocando no meio da trama o indivíduo enquanto agente social, com o cuidado de dar um tratamento especial para a dialética entre a cultura política e as ambiguidades dos indivíduos. Esta “biografia histórica hoje reabilitada não tem como vocação esgotar o absoluto do ‘eu’ de um personagem, como já o pretendeu e ainda hoje o pretende mais do que devia” (LEVILLAIN, 2003, p. 176).

Nesse novo tipo de abordagem, o biógrafo rastreia a lógica da construção da memória após a morte do biografado, a construção das teias de identidades de uma mesma pessoa. A riqueza deste tipo de abordagem reside na possibilidade de se conhecer, estudar, as recepções de uma memória individual junto a uma coletividade, as construções e reconstruções desta memória, quais grupos se apropriaram dela e como fizeram uso, os altos e baixos ou a permanência desta imagem nos diferentes extratos de tempo após a morte do indivíduo biografado.

O biógrafo precisa se inteirar a respeito das contribuições da hermenêutica sobre o tempo, assim como as da psicanálise, que focam na multiplicidade do tempo, alterando o sentido do tempo linear, que passa a ser não linear, mas espesso, com isso, a perspectiva biográfica se altera e torna-se possível evitar o obstáculo da “ilusão biográfica”.

Freud identificou o fenômeno por ele denominado “a posteriori” em 1895 e Lacan apoiou a ideia que revelaria um funcionamento não linear da memória coletiva e individual. O *a posteriori* aponta que o conteúdo de sentido não está vinculado apenas ao evento em si, mas também à forma como este evento se inscreve no tempo conforme manipulações múltiplas. Este fenômeno teria ligações com o processo de hermenêutica histórica, para a qual “a distância no tempo não constitui forçosamente um obstáculo ao conhecimento do passado, mas, ao contrário, pode ser um meio de captá-lo melhor” (DOSSE, 2009, p. 345).

O trabalho de interpretação em história almeja se situar entre a intimidade que gozamos com o universo que nos cerca e a sensação de

distanciamento provocado pela estranheza com o passado. A distância temporal não é um obstáculo, mas uma possibilidade viável para a compreensão. O sentido é concebido como “construção processual que afeta tanto o futuro a inventar, como a anterioridade, a partir do momento em que concebemos um futuro do passado” e mais: “A pluralização dos regimes de historicidade, que substituiu recentemente a visão linear do tempo histórico segundo as diversas formas de ‘cronosofias’, lembra a ‘heterocronia’ freudiana do psiquismo humano” (DOSSE, 2009, p. 345).

A noção de regimes de historicidade<sup>12</sup> e as contribuições da psicanálise com o conceito de *a posteriori* permitem, abrem espaço para uma real possibilidade de compreensão de como as comunidades humanas organizam e vivem as pluralidades temporais, como “pensam os diversos recortes do tempo a partir de certo número de invariantes, de categorias transcendentais” (DOSSE, 2009, p. 346). A postura do homem perante o tempo, tanto o rompimento com a perspectiva invariante do tempo quanto a crença numa teleologia do tempo, é confirmada por Reinhardt Koselleck:

Cronologicamente, a experiência brota de lanços inteiros do tempo, ela não cria a menor continuidade no sentido de uma apresentação aditiva do passado. Ela é, antes – para retomar aqui uma imagem de Christian Meier – comparável à janelinha de uma máquina de lavar, por trás da qual aparece de vez em quando uma peça de roupa que está lá dentro. (KOSELLECK, 2006, p. 312-313).

O biógrafo pode então se pautar pela noção desse futuro do passado a fim de evitar limitar sua narrativa temporal a uma trajetória que começa no nascimento, passa pela fase adulta e termina com a morte, ou seja, a velha noção de história com começo, meio e fim. Ao sopesar a lógica plural, fabricada na narração, da identidade pessoal, o biógrafo se permite mergulhar nas “metamorfozes do sentido de identidade narrativa do sujeito biografado” (DOSSE, 2009, p. 346).

O biógrafo deve se empenhar na construção de uma verdade factual sobre a personagem narrada, mas deve ir além: após esta primeira fase,

---

<sup>12</sup> Sobre a noção de “regimes de historicidade” ver HARTOG (2013). Sobre uma análise da temática biográfica a partir do conceito de regimes de historicidade vale conferir um ótimo artigo assinado por Benito Bisso Schmidt e intitulado “Biografias e regimes de historicidade” (SCHIMIDT, 2003).

baseada na análise de documentos, na crítica interna e externa das fontes, ou seja, a prática da metodologia histórica na construção da personagem, uma segunda fase se segue: o encadeamento dos elementos encontrados na pesquisa, a pesquisa das causas, e, após esta, uma terceira fase, importantíssima e recém aberta pela reviravolta historiográfica, que consiste em questionar sobre o processo de feitura de múltiplos sentidos que a personagem biografada aglutina, seja durante sua vida por meio de seu próprio esforço para tal ou pelo empenho de outros na construção de sua imagem, e mais importante: como a memória do personagem biografado foi construída, reconstruída, apropriada, usada, até a contemporaneidade do biógrafo.

Este tipo de abordagem biográfica, que não termina com a morte do biografado, mas continua até o presente, é chamada por Dosse (2009) de “vida póstuma” do indivíduo cuja trajetória é narrada. Esta abordagem do biografismo é riquíssima pela possibilidade de acompanhar os caminhos percorridos não apenas pela vida, que um dia acaba, mas a memória desta vida, que também pode fenecer um dia, mas que transcendeu o indivíduo sobre o qual incide e obriga o olhar de quem se dirige a ele, por meio da narrativa de sua vida, a considerar os diversos presentes que constroem as identidades narrativas.

Os estudos biográficos pautados por um esforço de acompanhar a vida póstuma da personagem central são tributários ao caminho desbravado por Pierre Nora nos volumes de seu *Lieux de mémoire*, com a noção de “lugar de memória”, que retira o historiador da zona de conforto de uma pesquisa causal, e o leva a procurar os traços deixados para trás. Pierre Nora define assim o momento atual da pesquisa em história:

Está aberto o caminho para uma história bem diferente: não mais os determinantes, mas seus efeitos; não mais as ações memorizadas ou sequer comemoradas, mas o traço dessas ações e o jogo dessas festividades; não mais os acontecimentos por si mesmos, mas sua construção no tempo, o desaparecimento e o ressurgimento de seus significados; não mais o passado tal qual ocorreu, mas as suas reaplicações sucessivas; não mais a tradição, mas o modo como se constituiu e foi transmitida (NORA *apud* DOSSE, 2009, p. 350).

Em 1971 Roland Barthes cunhou a noção “biografemas” em sua obra *Sade, Fourier, Loyola*. A escrita biográfica, segundo Barthes, pode ser conduzida pela noção de que o sujeito é constituído de pedaços,

dispersos, “um pouco como as cinzas que se lançam ao vento depois da morte, e que trazem não mais do que clarões de lembrança e erosão da vida passada” (BARTHES, 1990, p. 12). O desejo do autor para o formato de uma possível biografia sobre sua trajetória após estar morto é que “Se eu fosse escritor e estivesse morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse a alguns detalhes, a alguns gostos, a algumas inflexões, ou seja, a ‘biografemas’ cuja distinção e mobilidade pudessem viajar sem destino!” (BARTHES, 1990, p. 12).

Em 1975 surge *Roland Barthes por Roland Barthes* e o conceito de “biografemas” é retomado. Nesta obra, ele se refere aos “traços miúdos reunidos em cenas fugidias”, (BARTHES, 1977, p. 78). O autor associa o biografema ao haicai e à anamnese factícia: “Chamo de anamnese a ação – mistura de gozo e de esforço – que leva o sujeito a reencontrar, sem o ampliar nem o fazer vibrar, uma tenuidade de lembrança: é o próprio haicai. O biografema nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao autor que amo”. (BARTHES, 1977, p. 126).

François Gaillard observa que “Roland Barthes por Roland Barthes” não pode ser considerada uma autobiografia de Barthes, um “eu por eu”, mas uma “biografia do eu (não confundir com ‘de mim’) e, na palavra ‘biografia’, é preciso resgatar o sentido grego: ‘bios’ não significa o vivido, mas a vida no que tem de mais orgânico: o *corpo*”. Além disso, “Se a biografia é, para retomar aqui um termo barthesiano, uma ‘porcaria’, isso se dá precisamente porque consagra o reino do mau, do imaginário, aquele que encerra o sujeito em imagens, aquele que ao trabalhar a imagem esquece que o ‘eu’ está em perpétua dilação, em constante invenção” (GAILLARD *apud* DOSSE, 2009, p. 308). A biografia fracassa por tentar enquadrar, rigidamente e sem espaço para as mudanças de direção, um retrato, ou seja, exatamente o oposto do que pretende Barthes: tecer a narrativa de um percurso por meio de nuances fragmentadas, não fixadas, fugidias, um sujeito em constante mutação e reinvenção.

Em “A câmara clara”, Barthes analisa as relações entre fotografia e História, entre biografema e biografia: “Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema tem com a biografia” (BARTHES, 1984, p. 51).

Nesta obra, o biografema é descrito como um “traço biográfico”, como o ponto (*punctum*) que situa o observador, narrador, autor, fora da obra histórica (biográfica, autobiográfica) propriamente dita. O biografema seria, então, uma partícula, um fragmento que lança luz sobre detalhes de uma existência, carregados de um “infra-saber” (BARTHES, 1984, p. 51). Por conseguinte, esta nova forma de conceber a escrita de uma trajetória pessoal a partir de biografemas precisa levar em consideração a fragmentação e pulverização do sujeito. O autor da biografia, o narrador, não é a testemunha de uma vida a ser escrita por ele, de fora, distante de seu objeto, mas o ator mesmo de uma escrita.

Este aspecto do postulado biografemático de Barthes, que leva em conta a postura de um narrador-ator que assume sua posição de escrevente de uma história de vida, esta subjetivação da escrita, lembra, de certa forma, a intenção de Corbin em sua tentativa de ver o mundo de Pinagot com os olhos de seu personagem biografado, uma intenção subjetiva na escrita biográfica.

Dosse comenta que:

O “biografema” surge numa sólida relação com o desaparecimento, com a morte; remete a um tipo de arte da memória, a um *memento mori*, a uma evocação possível do outro que já não existe. Barthes propõe uma evocação superficial por meio de um detalhe distanciador e revelador de uma singularidade (DOSSE, 2009, p. 306, grifo do autor).

Dessa forma, a ideia de biografema está vinculada à esfera do imaginário afetivo, na busca e reconstrução subjetiva da memória. A base da noção de biografema é a fragmentação, o desenrolar narrativo de fatos descontínuos, intersticiais, ou seja, o oposto da biografia clássica, pautada pela linearidade do indivíduo, por um sentido unívoco da vida.

Souza (2002, p. 113), sintetiza que o biografema “responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito”, isto é, que não fica reduzido às amarras da construção biográfica teleológica e enquadrada na ilusão denunciada por Bourdieu (1996). Já “não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole” (SOUZA, 2002, p. 113).

O sujeito fragmentado em biografemas, em imagens dispersas, ao invés

de perder-se em um caos narrativo, se reconfigura e se encaixa imagem a imagem, se conforma à “ideia musical de um ciclo (Bonne Chanson, Dichterliebe): cada peça se basta, e, no entanto, ela nunca é mais do que o interstício de suas vizinhas” (BARTHES, 1977, p. 102).

Moisés (1983) afirma que ao criar o conceito de biografema e o desdobramento deste em uma biografemática, Barthes aponta para duas possibilidades de escrita biográfica: a primeira, seria uma “biografia-destino”, na qual os fatos e acontecimentos narrados obedecem a uma concepção teleológica e linear; a segunda possibilidade, se trata da “biografia-descontínua”, norteada pela força motriz do biografema, que realiza uma operação dispersiva do biografado, fragmentando e recriando por meio de uma nova ordenação narrativa. O primeiro tipo de biografia guia o sentido da narrativa e o olhar do leitor; já o segundo tipo, baseado e inspirado pela noção de biografema, (re)cria sentidos diversos levando o leitor a absorver a multiplicidade de fragmentos-signos presentes no texto.

A nova proposta biográfica, que Dosse (2009) denomina de “pluralidade de identidades”, pauta-se, não pela busca por um predestinado, alguém de cuja vida, ao final ou depois de finda, se diz “este(a) já se mostrava assim ou assim desde pequeno, desde a faculdade, desde sempre...”, mas ao contrário: reconstruir ao passo do biografado, junto dele, sem foco teleológico, a sua trajetória. O final já se conhece, mas nem por isso o caminho percorrido perde o interesse e o valor, e, principalmente a qualidade narrativa, caso seja palmilhado de perto, junto daquele que passo a passo viveu suas jornadas.

A pluralização das identidades seria a configuração que a biografia moderna tem, ou pelo menos deveria adotar. O novo olhar biográfico pauta-se não como quem observa uma corrida de cem metros rasos, ou uma maratona, ou algo do tipo, do alto de um camarote e depois conta quem foi o vencedor, o tempo que levou para cruzar a linha de chegada, se hesitou durante o trajeto ou não, se quebrou recordes, enfim, de um ponto distante e privilegiado e após o evento ocorrido, narra a vitória ou a derrota de um velocista ou de um maratonista já antecipando, prevendo o resultado final e orientando sua narrativa neste sentido. Uma nova possibilidade biográfica, moderna, volta o seu olhar para o velocista ou maratonista, de uma forma diferente, não mais teleológica e linear, mas procurando ver também em quais circunstâncias ele treinou, sua dieta, seu biótipo, suas superações fisiológicas e mentais, seus projetos, suas

realizações, seus fracassos, seus anseios, seus medos, suas vitórias e mais: as relações familiares, as amizades, os relacionamentos amorosos e profissionais também.

A análise de obras de cunho biográfico é uma rica possibilidade de análise para o historiador, porque muitas das questões debatidas por este profissional em seu campo de atuação também são enfrentadas pelo gênero biográfico: as condições de liberdade, de escolha e relações de poder presentes na vida humana, as relações entre indivíduo e sociedade, o indivíduo e a história, a questão do jogo de escalas na análise histórica.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste estudo procuramos discutir alguns aspectos ligados à narrativa biográfica e à escrita da história. Inicialmente abordamos a discussão da questão do hibridismo que marca o biografismo, misto de história e de literatura, tocando ainda na questão da contratualidade inerente à sua escrita e que, por sua vez, envolve a dimensão ética do ofício do biógrafo.

Nos preocupamos também em problematizar o chamado retorno do gênero, indicando que, apesar de uma parcela de historiadores ter desprezado a sua escrita ou estudo, a biografia continuou sendo praticada por outros profissionais, além de ter estado perene no gosto do público leitor; problematizamos ainda a ideia de que o biografismo fora abandonado pelos *Annales* e que estes seriam os culpados pelo desprestígio que esta modalidade narrativa sofreu de uma fatia considerável dos profissionais da história.

Na derradeira etapa do texto refletimos sobre as novas perspectivas para confecção de narrativas de vidas, que envolvem, entre outras possibilidades, o uso de uma hermenêutica do tempo, o conceito de biografemas cunhado por Roland Barthes, e ainda, a ideia de pluralização das identidades. As novas abordagens para a escrita de histórias de vidas precisariam levar em conta a multiplicidade do indivíduo; as suas relações com a sociedade devem ser mapeadas sob a ótica de não oposição entre as duas entidades, mas a partir de uma concepção de complementaridade; a visão de um personagem predestinado e, por conseguinte, a estruturação de uma narrativa

teleobjetivada, não condiz com a renovação dos métodos biográficos.

## Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como possibilidade de escrita da história. **Dimensões**, Uberlândia, v. 24, p. 157-172, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BANN, Stephen. **As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Editora da Unesp, 1994.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo : Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-192.

\_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, outubro de 1998, p. 35.

CAVALHEIRO, Edgard. **Biografias e biógrafos**. Curitiba/São Paulo/Rio de Janeiro: Guaíra, 1943.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 7, n. 13, 1994, p.97-113.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958). Assis, 2009. 115 f. **Dissertação (Mestrado em História)** - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”, de Natalie Zemon Davis. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 179-202.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOLUBOVI, Zagorka. O problema da personalidade no pensamento marxista. **Lutas Sociais**, São Paulo, 1998. p. 91-98.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 119-135, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Tradução de Andréa Souza de Menezes (et al). Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da PUC-Rio, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, Rio de Janeiro, 1997, p. 67-81.

LENA JUNIOR, Hélio de. Gregório Bezerra: o ser camponês e o tornar-se comunista. In AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 207-225.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: Da biografia. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 141-184.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da micro análise**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

\_\_\_\_\_. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedem**, v 1, p. 16-32, 2008.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Roland Barthes**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of greek biography**. Cambridge: Cambridge University, 1993.

PONTES, Heloisa. Durkheim: uma análise dos fundamentos simbólicos da vida social e dos fundamentos sociais do simbolismo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 1993. 89-102.

PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história... **Topoi**, v. 10, n. 19, 2009, p. 7-16.

REVEL, Jacques. **História e Historiografia: exercícios críticos**. Tradução de Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, 2003.

\_\_\_\_\_. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 131-142, 2004.

SCHWARCZ, Lilia. Moritz. Biografia como gênero e como problema. **História Social**, Campinas, n. 24, p. 51-73, 2013.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografia: espaço de memória. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: SBS, 2011.

\_\_\_\_\_. Espelhos de palavras: Escritas de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 39-61.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 111-120.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Samus Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

*Recebido em 09/11/2015*

*Aprovado em 30/12/2015*